

MUSAS SEM MÁSCARAS: AS VOZES DA REVOLUÇÃO PRESENTES NO DIÁLOGO ENTRE O IMAGINÁRIO POPULAR E O REAL NOS ANOS 60 E 70¹

Fabrcio dos Santos Brandão²

O presente trabalho visa a construir – a partir da narrativa de Sônia Coutinho – um esquema de leitura da figura feminina no espaço social, procurando delimitar o tempo e o espaço em que se processam as representações sócio-políticas da mulher por meio do fazer literário. Para isto, foi necessária uma abordagem histórico-literária do comportamento feminino na luta pela sua inserção social nas décadas de 60 e 70 em diferentes espaços: Salvador e Rio de Janeiro.

Nesta abordagem, traça-se uma ponte social e política na obra *Atire em Sofia*, estabelecendo um paralelo com os movimentos sociais, entre eles o movimento feminista que via o trabalho remunerado como um meio de emancipação da mulher diante da subordinação à família e às atividades domésticas. A partir desta relação busca-se entender o que é este ser mulher.

Ao analisar esse livro faz-se uma ligação entre a condição da mulher e a questão de gênero, destacando quais as construções sociais históricas aprendidas pela mulher no sistema dominante daquela época e como as personagens situam-se na identidade de gênero.

De fato, a sociedade pré e pós-movimento feminista incorporou as mulheres como indivíduos responsáveis por muitas transformações, mas estas transformações sempre foram vistas pela dicotomia do ser homem e do ser mulher. Isto porque ao homem era concedido o título de chefe familiar, única autoridade reconhecida e incontestada. E para as mulheres, na maioria, a situação de trabalhadoras não era reconhecida como parte da população economicamente ativa – sua participação social reduzia-se ao papel de mantenedoras do equilíbrio doméstico familiar.

Dessa maneira, as mulheres acabavam assimilando valores a elas designados pela sociedade burguesa, acentuando cada vez mais o preconceito de gênero, que coloca sempre homens e mulheres entre diferentes paradigmas de condutas e comportamento.

Atire em Sofia traz para o âmbito tanto da literatura como para a história um novo paradigma, isso porque, ao tratar do fazer literário, a escritora vai acrescentar à narrativa valores até o momento não vistos nesse processo de criação literária. A exemplo disso, a inserção de vários narradores que se auto-avaliam, se autoquestionam e também aos outros, buscando a todo o momento respostas para o que está acontecendo na sociedade, na tentativa de mudá-la e de nos revelar de maneira imediata a resposta final da trama a partir da análise feita por cada personagem.

Nessa perspectiva, Sônia Coutinho constrói o espaço da narrativa em dois enfoques: um, aberto – rua e bares de Salvador e Rio de Janeiro (momento em que as personagens discutem os valores da sociedade), e um fechado – apartamentos, hotéis e a introspecção das personagens (seu espaço interior colocado como auto-análise). Para a literatura, este permear traçou um perfil moderno para o romance em que a autora situa a ação da obra como uma espécie de catarse, evidenciando o sofrimento da mulher na busca por sua inserção social desde os anos 60 e 70 para cá.

Um outro prisma pode ser notado nitidamente, o fazer história. É por meio desta que a escritora vai situar a obra sob a forma de denúncia e relato da sociedade da época, assim como as mudanças provocadas pelo movimento feminista.

Na obra, evidencia-se como a sociedade patriarcal ficou chocada ao ver as mulheres romperem com as atividades restringidas ao lar, o casamento, a família, a conduta e o comportamento feminino para a época – na tentativa de conquistar o trabalho, a universidade e, até mesmo, a política.

¹ Pesquisa exploratória vinculada à disciplina Crítica e Edição de Textos, sob a orientação da Professora Doutora Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz.

² Acadêmico do Curso de Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, bolsista PROBIC.

A escritora Sônia Coutinho apropria-se do histórico na tentativa de denunciar a sociedade patriarcal, trazendo para a criação literária uma ponte entre o social e o político da mulher, assim como os seus valores, sonhos e luta em uma época marcada pela eclosão do movimento feminista.

É evidente na obra a discussão de valores vigentes até a década de 70: casamento, família, mulher com atividade voltada exclusivamente para o seio familiar, com a função de educar os filhos entre outras; universidade e trabalho profissional para o homem; exclusão em massa e proibição do exercício religioso de origem negra nos afro-descendentes, etc.

Essa queda de valores tem acompanhado a modernização da sociedade, que atingiu e vem atingindo de maneira diferente os diversos grupos sociais, gerando várias formas e níveis de conflito. Em geral, os grupos e segmentos da população – que, na perspectiva de independência e identidade, conseguiram se organizar e se mobilizar – ganharam projeção política e social nas instituições do Estado, que passaram a reconhecer, em suas reivindicações, a legitimidade da democracia, no caso das mulheres.

Nessa relação, o ponto crucial é a condição feminina e sua inclusão no âmbito social, e, em se tratando dessa luta, comenta Paola Capellin: “[...] Na grande maioria os conflitos são gerados no campo das relações de trabalho”, mas a questão transcende ao trabalho, já que pode ocorrer, inclusive, no espaço familiar. Exemplos expressivos disto são as personagens Sofia do Rosário e Maria Quitéria, que levam para esta outra esfera da vida social reivindicações e manifestações que rompem com seu destino de mulher (casa, filhos, dependência econômica).

Essas personagens tiveram que audaciosamente proclamar a sua situação, uma vez que desejavam ser vistas como seres de relações, ou seja, lutavam pela igualdade em todas as atividades desempenhadas por homens, tanto no campo do trabalho como da política.

A vida de mulheres que povoaram a ficção e a realidade, provocando choques e discordância em relação aos seus comportamentos e condutas, é levada ao espaço público, à cidade, ao tratar de homens e mulheres em duas décadas de valores. Na primeira, situa-se o homem, figura única, autoritária, que determina os padrões do lar, pois é o único representante incontestado das necessidades e exigências de todos os familiares. Na segunda, a mulher, por vocação ligada ao lar, já que criada para a família e para as coisas domésticas. Neste caso, elas são vistas como um benefício para a sociedade inteira.

Discutem-se, aqui, as atitudes de Sofia do Rosário, que, por possuir consciência de cidadania, busca fazer valer a sua condição dentro desse espaço, remetendo-nos para uma discussão. O que é feminismo? Como poderíamos situar a personagem dentro desse universo?

Para muitos, definir o feminismo significa o mesmo que dizer “libertação da mulher”, porém, na verdade, essa é uma questão histórica em sua conceituação, até mesmo porque os movimentos feministas assumem diferentes significados em contextos divergentes. Sofia estaria mais enraizada no campo das feministas liberais, que viam a importância das mulheres adquirirem direitos iguais no seio de uma sociedade política e socialmente pluralista. Sendo assim, personagens do livro como Sofia, Matilde e Maria Quitéria são consideradas como exemplos para explicações da reordenação social e da ruptura entre a tradição e a vocação.

Isso ocorre quando elas assimilam as idéias das classes dominantes e se manifestam com o objetivo de firmarem as vozes do silêncio. Para Sônia Coutinho, o livro, por apresentar uma discussão em torno da ficção e da meta-ficção irá refletir uma época em que muitos dos fatos foram adaptados da sua própria realidade e a de seu povo para a vida das personagens.

Ao realizar-se uma interseção histórica do movimento feminista em relação à obra, observa-se que a escritora tenta seguir cronologicamente os fatos e acontecimentos pré e pós-reencontro de Sofia do Rosário com seus companheiros militantes. Ela fala da participação crescente da mulher na força de trabalho, o aumento do número de divórcios e de famílias. Na verdade, em qualquer dos aspectos referidos, a sua preocupação é com esse sujeito, a mulher, que trouxe para a esfera pública mudanças significativas.

Com a busca de direitos iguais feministas, o casamento ficou abalado em sua estrutura familiar. De um lado, a sociedade conservadora, buscando sustentar a família e o casamento dentro do perfil já existente; do outro lado, as pessoas insatisfeitas com esta ordem já existente e procuram

mudá-la de forma adequada ao modelo pré-moderno. Era preciso transformar esta postura social. Os tempos da modernidade não atingem somente a ciência, mas também o comportamento das pessoas e, conseqüentemente, da sociedade. Tais características são bem delineadas na produção literária de Sônia Coutinho, uma das precursoras da historiografia moderna.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de (1908). **Memórias de uma moça bem-comportada**. Tradução de Sergio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1958. 368 p.

_____. **Moral da ambigüidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla. **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1987.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

PASSOS, Elizete. **Mulheres moralmente fortes**. Salvador. Instituto Feminismo da Bahia, 1993 etc.